

**UMA REFLEXÃO
EXISTENCIALISTA
EM *BATMAN*:
O CAVALEIRO
DAS TREVAS**

Maria Carolina Meninéa Nascimento; José Albino Santos Júnior
Universidade Estadual do Pará (UEPA)

RESUMO:

O gênero de super-heróis é o mais famoso, mais rentável e divulgado no campo dos quadrinhos. Este gênero se baseia em um misto de ficção e fantasia, mais colorido e aventureiro do que o mundo real. Um dos personagens mais famosos desse gênero é o Batman. Este demonstra em suas ações um grande conflito existencial. Em especial na obra *O Cavaleiro das Trevas*, Batman se permite questionar sobre sua existência, colocando em questionamento suas próprias ações e decisões, dando aos quadrinhos uma possibilidade de reflexão filosófica existencialista sobre a vida dos personagens e um toque de humanidade aos heróis.

PALAVRAS-CHAVE:

Quadrinhos; Existencialismo; Batman.

ABSTRACT:

The super-hero genre is the most famous, lucrative and disclosed in the comics area. The genre is based in a mix of fiction and fantasy, more colorful and adventurous than the real world. One of the most famous in this genre is the Batman, whose actions show a great existential conflict, specially in *The Dark Knight* comic, Batman allows himself to question about his existence, questioning his own actions and decisions. Giving the comic a possibility of a philosophical reflection about the life of the characters, and a touch of humanity to the heroes.

KEYWORDS:

Comics; Existentialism; Batman.

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos de Super-Heróis são os mais divulgados e que chegam mais facilmente às mãos das pessoas. Vários deles recebem adaptações cinematográficas e televisivas, e também por se tratarem de histórias que envolvem o leitor por suas ilustrações coloridas, personificações do poder no herói e a fantasia que eleva a imaginação do leitor. Por serem os mais influenciadores no campo dos quadrinhos, o gênero é o mais criticado negativamente; as críticas são tantas que, por muitas vezes, as pessoas não percebem que muitos quadrinhos de super-heróis discutem temas que auxiliariam num debate social.

Neste artigo, abordaremos uma das principais personagens deste gênero: Batman e sua relação com a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. A personagem, durante toda sua trajetória nos quadrinhos, sempre abordou temas como injustiça, poder, ética e existência. No arco de histórias roteirizada e desenhada por Frank Miller, intitulado *O Cavaleiro das Trevas*, identificamos esses questionamentos da personagem ligados à corrente filosófica existencialista do filósofo Jean-Paul Sartre, e mesmo que a história não tenha sido criada a partir dessa filosofia, ainda é possível fazer uma relação da história e da personagem com esta corrente filosófica. Sendo assim, o principal objetivo deste artigo é relacionar em que medida o problema entre a liberdade e as categorias existencialistas de angústia, má-fé e desamparo da filosofia sartreana podem ser interpretados ao decorrer da história *O Cavaleiro das Trevas parte I*.

O EXISTENCIALISMO DE SARTRE: PRESOS À LIBERDADE

O filósofo Francês Jean-Paul Sartre destacou-se no campo da filosofia existencialista por enfatizar a importância do homem para a construção da sua própria existência, quebrando com o paradigma de que o homem é um produto de um ser divino, dando ao homem a possibilidade de se construir a partir de suas próprias escolhas. A construção humana vai ser feita a partir de cada escolha tomada por cada indivíduo, cada um deste é sempre responsável por todos os seus atos e não há justificativa alguma para suas ações.

Sartre em seu existencialismo afirma que estamos condenados à liberdade, ou seja, mesmo que nós desejemos, não há como se desfazer dela. É extremamente importante dizer aqui que Sartre, quando afirma nossa liberdade, e afirma que somos livres para tomar qualquer tipo de decisão, nega toda e qualquer possível noção de predefinição de ação humana, como um ser superior que existe *a priori*, a fim de construir o homem à sua imagem e semelhança e um possível conceito de natureza humana, pois, em ambos os casos, é perceptível uma espécie de guia, como se fosse

um manual de instruções, de conduta humana. Se tais coisas realmente existissem, seria inviável pensar na liberdade, pois, desde muito cedo, já estaríamos presos a estas diretrizes (SARTRE, 2014).

Negar todo e qualquer tipo de diretriz preestabelecida implicará em nos deixar livres para tomarmos nossas próprias decisões. Sobre a questão da condição humana de Sartre: “Em outras palavras, Sartre quer que paremos de fingir que nossos hormônios, ou a biologia, ou qualquer outra coisa, sejam um fator determinante de nosso comportamento” (REYNOLDS, 2014, p.114). Desta maneira, partimos para outro ponto: a questão das escolhas. Pois, não é possível discutir sobre liberdade, e não debater sobre as escolhas humanas. Afinal, se somos livres para fazer nossas próprias escolhas, devemos analisá-las com bastante cuidado. Aqui, o principal ponto é nos questionar se nossas escolhas vão, de alguma maneira, afetar outros indivíduos (SANTOS, 2016).

Sartre (2014) afirma que, ao realizarmos escolhas, devemos pensar, também, em servir como uma espécie de espelho para a sociedade, pois, do mesmo modo que estou realizando determinada ação, uma outra pessoa, ao me ver agindo daquela maneira, pode decidir agir como eu. Assim devemos pensar se nossas ações são boas, indagando-nos a todo instante: “se todos agirem como eu, isso vai resultar em coisas ruins ou boas?”.

Aqui chegamos a mais um ponto extremamente importante: como nós, por sermos livres, não possuímos diretriz alguma, não há como saber se a próxima ação que realizaremos resultará em boas ou más consequências: é o que Sartre (2014) chama de desamparo. Desamparo, pois não temos onde nos apoiar, ao realizar determinada ação. Ao agir de certo modo, é impossível saber se aquele agir terá resultados catastróficos, ou não.

O existencialista não pensará tampouco que o homem pode encontrar auxílio em algum sinal na terra que o oriente; pois considera que o homem é quem decifra, ele mesmo, o sinal como melhor lhe parecer. Assim, pensa que o homem, sem nenhum tipo de auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem (SARTRE, 2014, p.33).

Percebe-se aqui o quão complexo é esta questão de tomar decisões. Em nenhum momento nós tomamos decisões somente por nós mesmos, pois não estamos sozinhos no mundo. Além de termos em mente isso, devemos também ter em mente que determinada ação, de uma pessoa qualquer, pode a qualquer momento ser copiada por outra pessoa. Por esta razão é sempre importante pensar antes de agir. E além disso, nunca teremos como saber quais resultados determinada ação trará para o indivíduo e para a sociedade como um todo.

Assim, nasce outro conceito importantíssimo na filosofia de Sartre: o conceito

de *angústia*. Antes, é necessário dizer aqui que Sartre distingue dois tipos de angústia: a *angústia do futuro* e a *angústia do passado*. Na angústia do futuro, sentimos uma espécie de desconforto, ao percebermos que nossas ações trarão consequências, e não sabemos se estas consequências serão boas ou ruins, se prejudicarão o próximo ou não. Já na angústia do passado, ao realizar uma ação no passado, e futuramente, um indivíduo observar que as outras pessoas estão realizando uma ação que se opõe a dela, este indivíduo pode também sentir um desconforto enorme, muito por conta de não saber se a ação que ele realizou estava errada, ou se as outras pessoas é que estão agindo de maneira incorreta (REYNOLDS, 2014).

Também sentimos angústia em relação ao mundo, pois, por mais que sejamos livres para tomar decisões, não temos controle algum sobre as situações que podem nos acontecer. Podemos dizer que “a angústia, portanto, pressupõe o reconhecimento da liberdade, assim como a consciência de nossa própria responsabilidade por nossos procedimentos. É a consciência de que nada externo pode nos compelir a ser ou a fazer alguma coisa” (REYNOLDS, 2014, p.107).

MÁ-FÉ EXISTENCIAL

A apreensão criada pelo sentimento de angústia gerada pela responsabilidade e liberdade humana, faz com que o homem crie uma barreira de proteção contra sua liberdade, numa tentativa de nos esquivar das nossas responsabilidades perante os outros e a nós mesmos. Esse anteparo à angústia, Sartre (2014) chama de *má-fé*. O autor explica que, quando é afirmado que todo homem é livre, porém que sua liberdade de escolha não engloba a si individualmente, mas sim a outros homens que se espelham nele, a conduta de *má-fé* é manifestada no homem como uma negação interna de sua liberdade.

Na primeira parte da obra *Ser e o Nada*, Sartre nos coloca diante de dois aspectos da manifestação da *má-fé*. O primeiro aspecto é quando o homem opta por uma escolha fingindo que esta afetará apenas a si próprio e que essa sua escolha não será espelhada em nenhum indivíduo, negando-se a assumir sua responsabilidade. Quando Sartre diz que o homem ao escolher por ele escolhe por todos os outros, não significa dizer que todos os homens escolheram a mesma forma de agir que um homem isoladamente, como uma espécie de robôs que seguem um determinado comando; isso é uma interpretação errônea do existencialismo sartreano.

O que Sartre quis dizer é que o homem não pode pensar que nenhum outro homem tomará a mesma escolha que a sua, pois isso seria agir de *má-fé*. Pensar que somente eu irei agir assim é tentar se livrar de sua total responsabilidade, que é a condição básica da liberdade.

Muitas pessoas acreditam que, ao agir, estão comprometendo apenas a si próprias e se lhes dizemos: ‘Mas, e se todo mundo agisse assim?’, elas dão de ombros e respondem: ‘Nem todos agem assim’. Mas, na verdade, a pergunta que sempre deve ser feita é: ‘O que aconteceria se todos agissem do mesmo modo?’ (SARTRE, 2014, p.29).

Se o homem não se questionar sobre seu direito em agir de tal forma que a humanidade se oriente pelos seus atos, este está mascarando sua angústia. Essa nasce exatamente na desorientação que o homem é submetido por sua liberdade acerca de suas ações, sem nenhum amparo que o guie a agir. Não há como escapar desse sentimento de desamparo que a liberdade nos aprisiona, por isso grande parte dos homens se utiliza da má-fé como fuga do desespero que a liberdade os prende, pois as possibilidades humanas são angustiadas.

Antes de abordar outro aspecto de manifestação de má-fé, é importante dizer que Sartre pensa que a humanidade é fundamentada por dois componentes essenciais que, embora diferentes, são inseparáveis: nossa *facticidade* e *liberdade*. Essa facticidade seria o passado, a fisiologia, a sociedade e posses humanas. Faz parte da nossa facticidade que nascemos em uma determinada sociedade, possuímos certos atributos ou dificuldades físicas, ou situações que nos são colocadas não diretamente escolhida por nós. Porém, essa facticidade não pode ser considerada como justificativa do quietismo, ela deve ser sempre transcendida. Sartre afirma que não há como definir a partir da facticidade; ações do passado, condições físicas ou sociais não definem alguém como covarde, herói, etc. a partir de atos passados ou condições, mas somente a forma como a pessoa transcenderá essa facticidade poderá ser utilizada para dizer o que um indivíduo é. Entretanto, essa transcendência e ação devem ser feitas continuamente, e não somente uma única vez, pois o indivíduo só é algo na ação contínua, ou seja, é inacabado. Alguém que se identifica com alguma parte da sua facticidade, está agindo de má-fé.

Ao se definir a partir de sua facticidade, o homem sente uma falsa impressão de alívio, fingindo acreditar que seu problema está resolvido, liberto do que lhe é indesejável. A má-fé vai proporcionar essa solução como uma fuga. Na má-fé, o homem deixa de ser livre para justificar seu erro, como uma fatalidade do destino.

O CAVALEIRO DAS TREVAS

O Cavaleiro das Trevas é umas das histórias mais consagradas do universo dos super-heróis. Lançada em 1986 nos Estados Unidos, com o objetivo de repaginar uma das personagens mais icônicas do mundo dos super-heróis, o Batman. As histórias

do Batman sofreram grandes mudanças após os ataques contra os quadrinhos, se tornaram um show de humor e super infantilizadas, a maioria das pessoas viam um Batman carismático, bobo e sorridente, o que fugia totalmente da personalidade original da personagem, desagradando a editora pelos baixos índices lucrativos. Até que a DC Comics colocou o roteirista e desenhista Frank Miller à frente para criar um novo arco de histórias para a personagem. Miller tinha em mãos a função de devolver a essência da personagem que havia sido rompida (BALLMANN, 2009).

A história foi publicada em forma de minissérie contendo quatro revistas intituladas: *O retorno do morcego*; *O morcego triunfa*; *Caça ao morcego* e *A queda do morcego*. No Brasil, a história chegou um ano depois da publicação americana, em 1987. A história obteve grande sucesso, tendo continuidade no ano de 2001, intitulada *Batman: The Dark Knight Strikes Again*, e recentemente, em 2015, foi publicada pela primeira vez a terceira parte da continuação, *The Dark Knight III: The Master Race*.

O sucesso da HQ não se deve apenas por se tratar de uma personagem querida do público, ou por retratar conflitos vividos da sociedade, mas sim pela humanidade inserida na história. Todos os super-heróis, ao longo de suas jornadas, foram sempre retratados como seres perfeitos, que lutam por justiça e pela segurança dos humanos, sempre tendendo a criar identificação com o idealismo do público – de que existe um ser superior aos humanos que deterá o mal da maneira mais justa possível –, ou seja, a imagem de que um super-herói é infalível, que não enfrenta conflitos de personalidade e que sua vida se resume em torno da busca por justiça. Em todo o universo da DC vemos super-heróis com poderes, robôs gigantes, alienígenas, tornando esse universo muito fantasioso, estranho, porém empolgante. Mas antes do lançamento do Cavaleiro das trevas o universo era puramente fictício e fora da realidade, Miller procurou trazer com louvor seu universo alternativo realístico para a DC.

Batman – O Cavaleiro das Trevas conta uma história que começa 10 anos após a aposentadoria do vigilante mascarado Batman. Os heróis no mundo estão extintos por lei, e Superman, o último em atividade, é um agente secreto americano, uma superarma usada em casos de guerras ou crises internacionais. O aumento na criminalidade em Gotham City, com a gangue chamada de “mutantes”, aliado a um incomum senso de justiça de Bruce Wayne, fazem o homem-morcego sair das trevas da aposentadoria e enfrentar os criminosos da cidade. O renascimento do vigilante, porém, desperta opiniões opostas: enquanto alguns o acusam de fora-da-lei e de violar os direitos humanos, outros comemoram a volta do morcego. Um novo Robin surge causando mais polêmicas ainda.

BATMAN: UMA LEITURA EXISTENCIAL?

Bruce Wayne, um garoto que acabara de perder os pais, estava perdido, sua existência não fazia sentido algum pois sempre esteve amparado pelos pais, sem nunca ter agido autonomamente. Era um garoto rico, não precisava enfrentar as crises que a sociedade enfrentava, tais como a fome, desemprego, corrupção e, até aquele momento, a violência. Mas após o assassinato dos pais, percebeu que sua existência era absurda, que não havia sentido e drasticamente o acontecimento fatídico o fez sair da alienação e do quietismo. Havia nascido rico, não precisava trabalhar e nem lutar por causas sociais, podia aproveitar sua vida e desfrutar sua fortuna, mas essa falta de ação e envolvimento social começou a incomodar Wayne, principalmente a insegurança na cidade de Gotham. Assim, disposto a evitar que a tragédia do assassinato dos pais ocorresse com outras famílias, ele “se fez” Batman. Contudo, em *Batman: O Cavaleiro das Trevas I*, Bruce Wayne está aposentado e longe da vida noturna do homem-morcego há 10 anos, pois foi submetido a uma ordem governamental ao qual proibiam a interferência dos super-heróis na criminalidade sem a supervisão do governo, com a justificativa que a intervenção desses colocava em perigoso e abalava a tranquilidade dos indivíduos.

Wayne quando é indagado por seu fiel amigo James Gordon sobre a falta que o Batman faz, a resposta é sempre: “Bom ele ter se aposentado, não? Ele não sobreviveu, mas Wayne está vivo e bem” (MILLER; JANSON; VARLEY, 1997, p. 6). Porém, ele utiliza a mentira para não demonstrar sua fraqueza diante a situação. Uma parte da história que demonstra bem o conflito e incômodo de Wayne, onde é ressaltado que sua vida não faz sentido, pois sua existência era ser o Batman, pois ele se fez assim na sua ação. Ou seja, a partir do momento que sua liberdade foi reprimida, Wayne se deixou submeter ao quietismo humano. Acontece quando Wayne caminha pelas ruas da cidade de Gotham após um encontro com o comissário Gordon, onde afirmou estar aliviado com a ausência do Batman. Porém, ao caminhar pelas ruas começa a despertar a angústia, ao depara-se com a realidade ao qual o povo e a cidade está tomada por violência e poluição, percebe as consequências que suas escolhas e sua falta de ação resultaram.

Ao assumir a identidade secreta de Batman, assim como todos os indivíduos ao tomar uma decisão, não escolhe apenas por si, mas por todos os homens, pois suas ações serão a imagem para todos os homens, segundo Sartre. Assim, outros indivíduos poderiam se espelhar nas ações do homem-morcego e poderiam escolher se engajar a combater as injustiças e a criminalidade, da mesma forma que o Batman. E foi exatamente o que aconteceu, Jason Todd decidiu e se engajou a auxiliar Batman na luta contra o crime. E, após sua morte, Batman se sentiu culpado por ter influenciado e permitido que Todd fosse seu companheiro, sempre pensando que poderia tê-lo impedido. Mas assim como Wayne tomou uma decisão em ser o Batman, Todd também

exerceu sua liberdade e, na construção de sua existência, escolheu ser Robin.

As implicações das escolhas de Wayne o fizeram ser o vigilante de Gotham, que protegia a cidade, na calada da noite, dos criminosos, porém ele estava atormentado pela carga de sua responsabilidade, atormentado pelo sentimento de culpa, e deixou-se levar por seus sentimentos e se recusou a exercer sua liberdade de escolha. Se subordinar ao governo e se abster de sua existência. Se tornou um conformista, sem engajamento, porém sempre atormentado por seus ressentimentos.

A decisão tomada por Bruce Wayne, em se afastar do seu projeto original, Batman, foi tomada conforme suas paixões em relação à tragédia acontecida com Jason. Quando um indivíduo se ampara em sentimentos e justifica suas ações com os mesmos, isto, para Sartre, é agir de má-fé. Nenhuma paixão é tão avassaladora ao ponto de fazer com que o indivíduo cometa acertos ou erros, assim não podemos justificar nossas ações pelas nossas paixões, devemos sempre assumir a responsabilidade pelos nossos atos, sem que acontecimentos passados, como por exemplo a morte de um amigo, como acontece na história, interfira na maneira como encaramos nossa participação na ação e nossa profunda responsabilidade (SARTRE, 2014). Dessa forma, quando Wayne justifica que teve que deixar de ser o Batman pelo que aconteceu com Jason, ele está agindo de má-fé. A má-fé surge pela responsabilidade gerada pela liberdade humana. Dessa forma Wayne, para se livrar da responsabilidade de acontecimentos futuros resultantes das suas ações, preferiu cessar de exercer sua existência, ou seja, agir.

O tormento vivido pela personagem em consequência de suas escolhas passadas, o faz questionar a todo momento se esta foi a melhor coisa a se fazer. Uma voz que ele determina ser a do Batman, tentando se libertar, o atormenta com todas as consequências que seu quietismo gerou: “Ele gargalha de mim, amaldiçoa meu ser. Ele invade meu sonho e zomba de mim, arrastando-me até aqui quando a noite é longa” (MILLER; JANSON; VARLEY, 1997, p.13). O medo gerado pelo desconhecimento e desamparo diante de uma situação ao qual o homem não sabe de que forma agir, leva-o a uma tormenta de angústia, e, por muitas vezes, este tenta se refugiar na má-fé.

A angústia é uma das categorias necessária para que a liberdade seja exercida, pois somente na angústia nos questionamos se nossas ações influenciaram de maneira positiva ou não os outros indivíduos, assim nossas escolhas são apenas possíveis a partir do sentimento de angústia e desamparo, ao qual levará o indivíduo a decidir por si mesmo.

Durante a primeira parte da história Bruce Wayne se deparara com inúmeros sinais ao qual caberia somente a ele como interpretá-los, tais como: a violência gerada pela gangue mutante e a falta de controle em detê-los. Wayne então, interpreta isso como consequência do afastamento do Batman, e após se atormentar com o sentimento de indecisão, ao não saber se deveria retornar a ser o Batman ou não, foi colocado no sentimento de angústia existencial explorado por Sartre, que o possibilitou questionar

as possibilidades e consequências que seu retorno causaria. Ele, então, decide sair do quietismo e se engajar a voltar ser o herói.

A questão em “voltar a ser o herói” na qual nos referimos acima, tem como base a questão do agir continuamente para ser, Sartre diz que nenhum ato passado pode definir um homem, se suas ações não forem contínuas durante toda sua existência. Dessa forma, o homem é indefinido e está sempre em constante mudança. Essa possibilidade de mudança humana proposta por Sartre, na HQ é refletida na mudança de ações de Wayne. Ele, no princípio, decidiu se engajar em ser um guardião da justiça e combatente do crime, se tornando o Batman, mas ele não é o Batman todo momento, só se torna um homem de coragem ao agir como tal, no momento que este fraquejou diante de um sentimento de culpa e deixou de ser o Batman, ele se tornou um ser covarde, pois a falta de ação torna um homem covarde mergulhado no quietismo, e não mais um herói. Porém, ao ser mergulhado nas consequências de seus atos, escolheu retornar a ser um herói, agindo heroicamente lutando pelo que havia considerado ser o correto.

Quando Wayne decidiu retomar com a identidade do Batman, já estava velho e sua condição física já não era como antes, porém o mesmo não se utilizou da sua condição humana para justificar seu quietismo, pelo contrário encontrou meios para agir e transcender essa condição. Sobre essa questão de transcender a condição humana, Sartre argumenta que mesmo que todo homem esteja sujeito a uma condição humana ou facticidade, isso não o impediria de exercer sua liberdade, pelo contrário, essa condição só daria ao homem um contexto para que esta liberdade seja colocada em prática, onde o homem sempre teria a possibilidade de escolher e pensar em novos projetos, transcendendo sempre esses fatos. A forma como o homem irá transcender a essa condição humana dependerá unicamente da forma como o mesmo irá interpretá-la.

CONCLUSÃO

Encarando a saga de Miller com bastante cuidado, notamos que, na história desenvolvida pelo mesmo, há a possibilidade de encaixar conceitos sartreanos. Apesar de, em nossas pesquisas, apenas encontrarmos que Frank Miller possuía fortes influências do estilo *Noir* – estilo de histórias no qual imperam as cores preto e branco, normalmente ambientando uma caça policial a um criminoso que cometeu um ou mais assassinatos, repleto de conflitos e corrupções morais –, ou seja, podemos ver que a história discute com outros campos de conhecimento, como a filosofia. A personagem Batman retrata bem a forma que o homem se relaciona com a liberdade, tendo conflitos durante sua construção existencial contínua na qual todos os indivíduos passam. Vemos um personagem mais humanizado, percebendo as implicações das suas ações

e assumindo-as. É interessante também notar de que modo Frank Miller quis mostrar como os super-heróis, outrora intocáveis, antes de mais nada, são seres humanos, passíveis de erros, tanto quanto qualquer outro ser humano.

Sendo assim, podemos inferir que muitas histórias em quadrinhos possuem margem para ser interpretadas através de várias óticas, desde históricas, geográficas, até sociológicas e filosóficas. Recentemente, os estudos acerca de histórias em quadrinhos têm aumentado bastante dentro das academias. Diversas áreas do conhecimento vem analisando histórias em quadrinhos.

Deste modo, espera-se que, os estudos em quadrinhos cresçam cada vez mais, pois esta forma de arte, ou, como diz Will Eisner (1989) esta arte sequencial, tem a capacidade de proporcionar várias interpretações, pois as imagens presentes nas HQs muitas vezes podem conter elementos que, se analisados, podem nos contar muito sobre uma sociedade, sobre o contexto no qual a mesma foi feita.

REFERÊNCIAS

BALLMANN, Fábio. **A nona arte:** história, estética e linguagem de quadrinhos. Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2009.

JUNIOR, Albino Santos; Nascimento, Maria C. M. **Filosofia e Quadrinhos:** Uma reflexão em Batman – *O Cavaleiro das trevas* a partir da filosofia existencialista. Monografia de conclusão de Curso em Filosofia. CCSE, UEPA, 2017.

MILLER, Frank; JANSON, Klaus; VARLEY, Lynn. **Batman:** O cavaleiro das trevas. 2.ed. Jovem Abril, livro um, 1997.

_____. **Batman:** O cavaleiro das trevas. 2.ed. Jovem Abril, n. 2-4, 1997.

REYNOLDS, Jack. Condenado à liberdade – A ontologia fenomenológica de Sartre. In: **Existencialismo.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

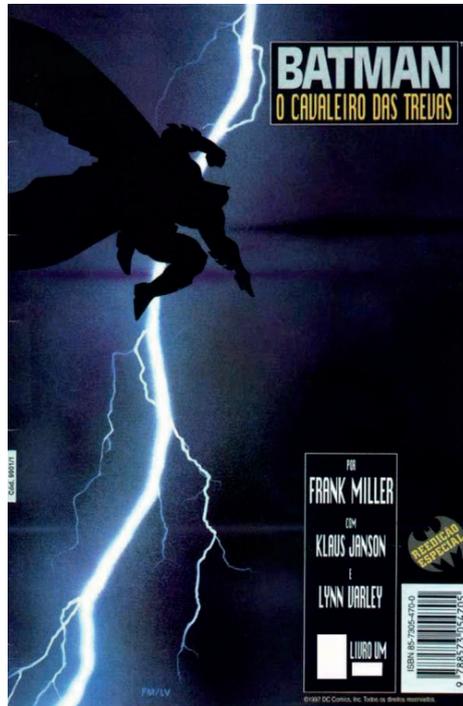
SANTOS, Diemmenon Miguel Maria dos. **Consciência e liberdade em “O ser e o nada” de Jean- Paul Sartre.** In: Anais do V encontro nacional de pesquisa na graduação em filosofia/ UFPA, v.1, n.1. Pará, 2016

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada:** Ensaio de ontologia fenomenológica. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O existencialismo é Humanismo.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ANEXOS

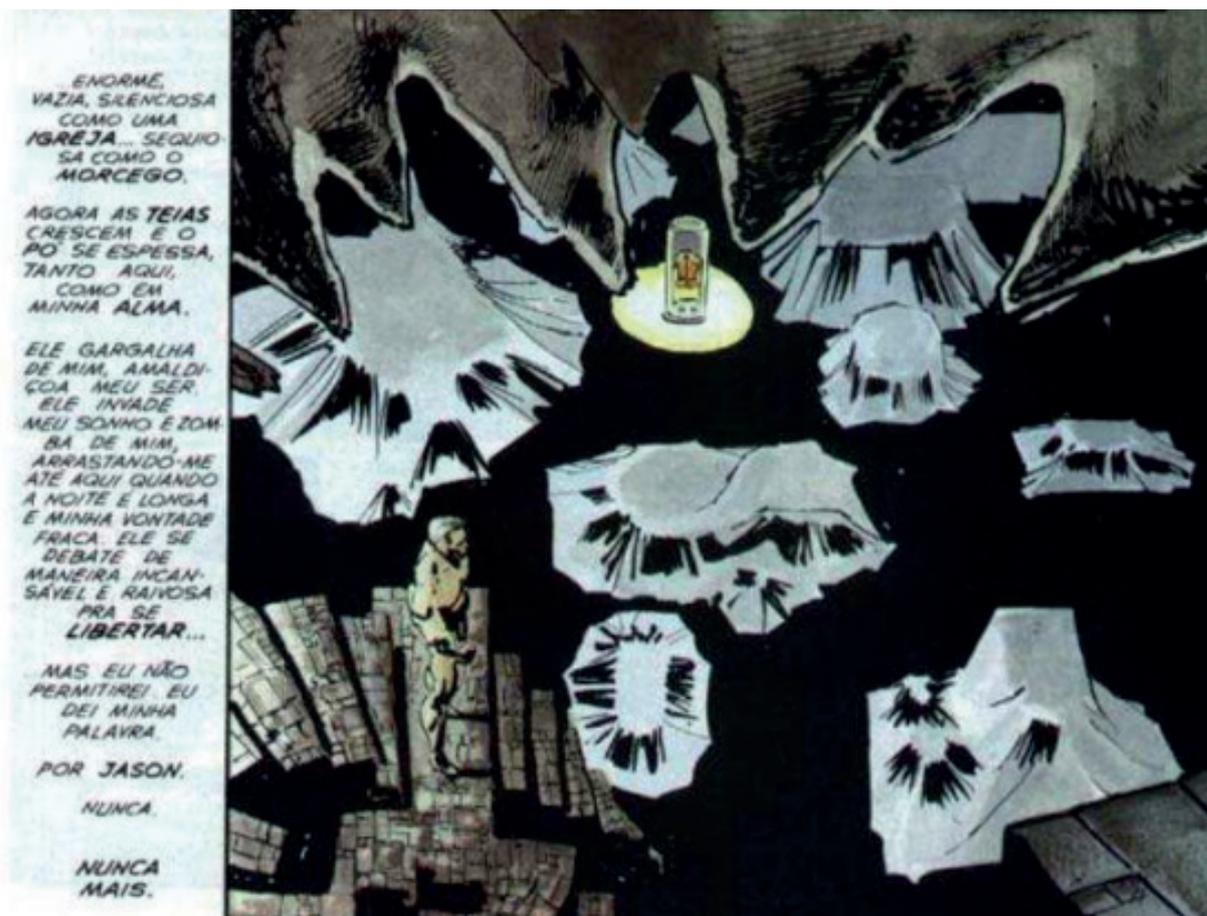
MILLER, F.; JANSON, K.; VARLEY, L. *Batman: O cavaleiro das trevas*. Livro um, 1997.



CAPA



(MILLER; JANSON; VARLEY, 1997, P.6)



(MILLER; JANSON; VARLEY, 1997, P.13)